

Luís A. de Oliveira Ramos *

Um especialista do Douro: o Visconde de Vila Maior

O personagem a invocar, o visconde de Vila maior, Prof. Júlio Máximo de Oliveira Pimentel (1809-1884), sagrou-se, entre as mais significativas notabilidades do regime liberal, enquanto cientista e político. A sua existência marca pela ligação que gostava de estabelecer entre o pensamento, a acção e a ciência e as suas aplicações práticas, e bem assim pelo cuidado de documentar o objecto dos seus estudos, conforme os meios disponíveis no tempo.

Na verdade, este filho e sobrinho de fidalgos durienses, perseguidos pelo miguelismo, interrompeu os estudos universitários, durante o regresso do absolutismo (1828-1834), para, na medida do possível, apoiar os seus familiares, o que não obsteu à morte, nos cárceres do Tribunal da Relação do Porto, de seu tio, o general Claudino Pimental, detenção, em condições de horror iniciadas em Lisboa, na Torre de S. Julião da Barra.

Mal ocorre o regresso dos liberais (1832), aí temos Júlio Pimentel no batalhão académico a combater de armas na mão pela liberdade durante o cerco do Porto (1832-1833). Com tal pundonor o fez que cai ferido e fica às portas da morte, depois de um combate na Serra do Pilar. O feito vale-lhe a condecoração com a Torre e Espada. Mas sobrevive com uma deficiência notória que o obriga a coxear e é assim que chega a tenente coronel no regime liberal novamente implantado pela vitória das tropas do duque imperial D. Pedro contra as hordas de D. Miguel.

Amigo do saber, terminada a guerra e derrotado o absolutismo, decide concluir os estudos universitários, regressando às Faculdades de Matemática e Filosofia (isto é, de Ciências) da Universidade de Coimbra. Sai bacharel da última, onde se tornara evidente o seu gosto pela química.

Concorre então a um lugar de professor da nova Escola Politécnica de Lisboa, criada na vaga de reformas setembristas, dinamizadas por Passos Manuel, mas dependente do ministério da Guerra. Aí convive com figuras notá-

* Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

veis do seu tempo, entre as quais avulta o militar e historiador-académico Latino Coelho.

Como frequentara a Universidade de Coimbra em tempo de funda crise, decorrente do advento do liberalismo, da indisciplina académica coeva, da falta de professores decorrentes das purgas liberais postuladas pelas purgas miguelistas, decide, para bem dominar os desenvolvimentos da química que floresce em França, passar dois anos em Paris a aperfeiçoar-se na sua especialidade e campo de ensino.

Atendendo às condições das Guerras Civis decorrentes da Maria da Fonte e da Patuleia (1846-1847), só restabelecida a paz logra iniciar o seu douto magistério. Vaza-o nos dois volumes das suas *Lições*, que logo dá à estampa, responsabilizando-se pelo modo como ensina e proporcionando aos estudantes da nova Escola Politécnica um adequado instrumento de trabalho.

Sócio da Academia das Ciências de Lisboa, é nos seus *Anais e Memórias* que publica muitos dos estudos a que se vota, como dá à estampa muitos outros em revistas, jornais e enciclopédias portuguesas e estrangeiras.

Começam por avultar os consagrados às águas termais, numa época de incremento do termalismo. Extensa e sucessiva literatura analisa as águas das Caldas da Rainha, mas também se interessa pelas do Gerês, por exemplo.

Demais, o então cidadão lisbonense debruça-se sobre problemas concretos da cidade, nomeadamente sobre o saneamento da urbe.

Questões de natureza pública como as das alfândegas, dos cereais e do vinho entram também na esfera das suas preocupações, após um período em que se debruça sobre temas de incidência colonial e outros.

Acerca da «matéria aduaneira e a problemática do contrabando» concebeu, conforme demonstra a Prof.^a Maria da Conceição Meireles Pereira, «um dos trabalhos lapidares», intitulado *A Liga das Alfândegas Peninsulares* (1860).

Além das *Memórias sobre a higiene pública de Lisboa*, redige a brochura sobre o *Novo processo de panificação*, a *Memória sobre os processos de vinificação dos principais centros vinhateiros a norte do Douro* (1867-1868), o *Tratado de vinificação para vinhos genuínos* (1868-1869) e também uma *Ampelografia e oenologia do país vinhateiro do Douro* (1870). Escreve ainda um *Manual de viticultura* (1875) e, finalmente, a obra agora reeditada em 1990 e muito citada, *O Douro Ilustrado* (1876). O texto comporta três colunas, em português, francês e inglês, isto é, uma versão trilingue, como actualmente se usa, acompanhado de estampas sobre as povoações mais pitorescas e de um grande mapa do percurso do rio.

Obra de ponderado esclarecimento para o grande público, trata das peculiaridades do caudal, do solo, das castas, das paisagens, da navegação, das pessoas, etc. Nele reluz o cientista, além do homem de gosto, que chama a atenção para a

importância omnimoda do rio, regiões adjacentes, seus servidores e utilizadores. De resto, usa a sua experiência pessoal e documentados pontos de vista expressos por autoridades nas matérias versadas.

Assim, quanto à navegação ao longo do Douro, que ele próprio fez, não deixa de se arrimar às pormenorizadas descrições do lente de Filosofia da Universidade de Coimbra, Doutor Pedro Norberto Correia Pinto de Almeida (1806-1849), autor de um impressionante relato de idêntica viagem rio abaixo.

Da mesma forma, o seu escrúpulo de homem de ciência leva-o a utilizar, no campo da geologia, explicações de autores conhecidos.

Mas o que escreveu, fruto também de cuidada observação directa, reveste-se de interesse etnológico no concernente aos anais do Douro, aos usos e costumes decorrentes das actividades desenvolvidas na terra e na grande via fluvial que, no Porto, formava a *barra da terra*, por contraste com a barra do mar atlântico (Rebello da Costa).

Um ponto a salientar é que a *Memória sobre a vinificação* e o *Manual de Viticultura*, são todos eles enriquecidos, o primeiro com estampas e os restantes com gravuras, para melhor entendimento dos seus conteúdos.

De resto, Pimentel foi historiador, biógrafo e especialista da educação. Entre os seus trabalhos históricos avultam os que consagrou a Luís Mouzinho da Silveira, Passos Manuel e, em especial, ao general seu tio, Claudino Pimentel. Este último intitula-se *Memorial briográfico d'um militar ilustre, o General Claudino Pimentel* (1884). Abrange aspectos que vão da Guerra Peninsular às perseguições miguelistas. Por seu turno, revela-se elucidativo sobre o que fora e sobre o que se passava na Universidade o seu volume acerca da história e situação dessa instituição, redigido no terceiro quartel do século. O seu longo reitorado coincidiu com o primeiro centenário da reforma da Universidade por Pombal, em 1772, ficando-se a dever à iniciativa do Prof. Júlio Pimentel, apoiado pelas Escolas, os volumes sobre a história das Faculdades de Teologia, Medicina, Filosofia e Matemática, respectivamente da autoria dos Doutores Motta Veiga, Serra Mirabeau, Simões de Carvalho e Castro Freire. Infelizmente, jamais vieram a lume as memórias históricas programadas sobre Leis e Cânones, pois os lentes escolhidos para o efeito não as produziram. Quer dizer, se faltam as Memórias relativas ao ensino nos cem anos antecedentes relativos a Direito não foi decerto por falta de estímulo do reitor, um homem que se sagrara no mando, durante cerca de dois decénios, à frente da escola Agrícola de Lisboa.

Anote-se ainda que a conjugação entre a teoria e prática que se desenvolve nas pesquisas estampadas, está à vista nas suas intervenções e discursos enquanto membro da Câmara dos Deputados, da Câmara dos Pares ou então como Vereador e Presidente da Câmara de Lisboa. Não menos falta nos textos enviados à Academia Real das Ciências, ou nos artigos de natureza enciclopédico-científica em obras estrangeiras, de colaboração com cientistas famosos.

Com Latino Coelho, debruçou-se, em nome da Academia Real das Ciências, sobre a Instrução Pública, o mesmo fazendo, como reitor da Universidade à data da sua morte (1884), sempre por designação do Governo, que sob o liberalismo, como noutras épocas, hipercentraliza decisões relativas à política universitária.

Explícitos a todos os títulos, parecem-nos os seus relatórios acerca de Exposições universais oitocentistas e sobre o que elas representaram para a civilização da época e para Portugal, exposições onde o Prof. Pimentel esteve como Comissário Régio.

O visconde publicou boa parte das suas investigações e observações acerca do Douro depois de, em 1869, ascender a reitor da Universidade de Coimbra, nomeadamente o *Douro Ilustrado*.

Proprietário duriense, homem público e cientista de renome internacional, o visconde Vila Maior ilustrou, como poucos, a relação entre a teoria científica e a prática na sua observação a respeito do Douro, dos seus vinhos e nem os cerca de 15 anos na prelazia da Universidade de Coimbra o impediram de atender ao interesse geral do cidadão vinhateiro, no caso apoiado de acordo com os exigentes critérios do professor do ensino superior que ele era.

Amigo assim não o tem qualquer região ou qualquer produto português mas teve-o, o Douro, o rio e o seu vinho.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- PEREIRA, Maria da Conceição Meireles – *O Contrabando Luso-Espanhol no Século XIX*, in *O Contrabando e outras Fronteiras* (org. de Luís A. De Oliveira Ramos), Porto 2001.
- PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal – Dicionário Histórico*, Vol. V, Lisboa 1911.
- PIMENTEL, Júlio Máximo de Oliveira – *O Douro ilustrado*. Porto 1876. (2.^a edição facsimilada, Lisboa 19..).
- RODRIGUES, Manuel Augusto – *A Universidade de Coimbra e os seus Reitores*, Coimbra 1990.